

O PESO DE UMA MULHER

(4)

Não ha fardo mais pesado
Do que seja uma mulher
E nem ha homem que tire
As manhas que ella tiver,

O que pensar ao contrario
Pode dizer que está vario
E desesperado da fé,
Cahio na rede enganado
Um mez depois de casado
Elle sabe o que ella é.

O rapaz vê uma moça
Fica por ella encantado
Seductora e feiticeira,
Parece um sonho dourado;
Os labios parecem mel
Mas tendo a taça de fel
Guardada no coração,
O homem passa e não ver
E so chega a conhecer
Depois que está na prizão.

Pede-a em casamento e casa
Pensa que leva uma joia
Mas, leva é um carcereiro
Que o prende e não dar-lhe boia;
Se a mãe della for tambem
Elle véra muito além,
Por onde a fortuna passa
Exclama, fiquei sujeito !
Só a morte me dá geito
A sahir dessa desgraça..

As 6 horas da manhã
O homem vai ao mercado

Faz as depezas do dia
Julga que está descansado,
Compra farinha e feijão
Carne, assucar; café, pão;
Verdura, fructa e toucinho;
Ella diz: não se lembrou?
Por que foi que não comprou
Alho, pimenta e cuminho?

Não tem carvão; falta agua;
A manteiga se acabou;
Cahiu gaz dentro do sal,
O assucar se derramou;
Eu não sei isso o que é,
Inda não coei café
Porque não achei o pano;
A casa não se varreu,
A vassoura se perdeu,
Não achei mais o abano:

A vizinha me tomou
 O caldeirão emprestado,
 Foi derreter chumbo nelle
 Quando trouxe-o foi furado;
 Tomou-me a colher de pau
 Para mexer um mingão,
 Trouxe agora sem o cabo
 Outra tomou o papeiro;
 Empestei o fôgareiro,
 Este, levou o diabo.

Mas ella diz: Não se zangue
 Isso são cousas do mundo;
 A jarra hontem furou-se
 O côco largou o fundo;
 O bule já está sem aza,
 A chaleira nova vaza,
 A toalha foi no lixo,
 Minha machina de coser,
 Mandei mamãe a vender
 Para jogar-se no bicho,

Sim, eu vou dizer-lhe logo
 Antes que você dê fé,
 Você se casou a pouço
 Não sabe casa o que é:
 A velhinha lavadeira
 Chegou-me de uma maneira
 Que já vinha sem sentido,
 Eu com essa natureza,
 Dei-lhe a toalha da meza
 Para fazer um vestido.

Vá comprar outra toalha,
 A mesa já está sem forro,
 E em mesa sem coberta,
 Quem come nella é cachorro;
 Eu vou dar-lhe uma notinha:
 Preciso tambem de linha
 Para coser e bordar,
 Compre um cartão de colchetes,
 Uma carta de alfinetes,
 Agulha pente e dedar.

Quando for leve a yasilha,
 E traga banha com cheiro,
 Sim, eu já estava esquecida
 De lã para travesseiro,
 E encommende um pilão;
 Não tem toalha de mão,
 E' necessario comprar;
 Na compra das encommendas
 Traga dez metros de rendas,
 E galão para enfeitar,

Diz a mãe della:—Menina,
 Creio que tu já suppunhas
 Que tinhas pedido tudo,
 Falta com que corte as unhas;
 O homem já está se vendo
 Com o coração ardendo
 Qual pimenta malagueta,
 Diz a mulher: é verdade,
 Não fiz crochet hontem á tarde
 Porque perdi a caneta,

Veja se quando voltar
 Não me chega sem dois pentes,
 Eu me esqueci de lembrar lhe
 Os galfos já estão sem dentes,
 Os pires já estão rachados,
 E os pratos arranhados,

A sopeira foi embora,
 Está a casa em tal grandeza
 De não se por mais a mesa
 Se chegar gente de fora.

E se o marido disser-lhe:
 Mulher não empreste tanto,
 Ella ahí fica zangada,
 Se amua logo num canto,
 Pega a maldiser a vida.
 Diz que vive succumbida
 Quer ir ao baile não vai
 E diz: mamãe foi casada,
 Nunca fez conta de nada,
 Emprestava até papai.

Mamãe conta que a mãe d'ella
 Era muito bem casada,
 Vovô era muito bom
 Dava-lhe a vida folgada,
 Ella em todo canto ia,
 Passeiava divertia,
 Ia a samba a qualquer hora,
 E vovô nem se importava,
 Tanto que ella passava
 Cinco, seis meses por fora.

Vai consultar a mãe della
 Essa ouve o que ella diz,
 Se for uma sogra bôa
 Diz-lhe faça como eu fiz:

—Seu pai tambem tinha isto
 Quiz fazer de mim um Christo,
 Eu fui quem crucifiquei-o
 Você se finja doente,
 E gema constantemente
 E esse o unico meio.

Assim fazem as da praça,
 As da civilização,
 As roceiras innocentes
 Fazem cortar coração:
 Casa-se Joanna dos porcos
 Com Zé de Manê dos tocos
 Vão viver em harmonia,
 Joanna fica em liberdade,
 Deita-se logo de tarde
 Accorda no outro dia.

Zé bota inhame no fogo
 Chama ella para ceia,
 Joanna ainda ergue a cabeça
 Mas com a cara tão feia,
 Diz Joanna:—Eu s'tou doente
 Sinto p' corpo todo quente,
 Vou tomar um vomitorio.
 Finge até que vaç morrer
 Que é para o Zé trazer
 A ceia cá no zidorio. (*)

(*) Zidorio. Cama de varas.

Vai o Zé de madrugada
 Ao roçado trabalhar,
 Diz:—Joanna faça almoço
 Dez horas hei de chegar;
 Joanna fica deitada
 No zidorio estirada,
 E Zé com cuidado nella:
 Dez horas elle chegou.
 O cachorro que ficou,
 Foi quem lavou a panella:

Chega Zé bate na porta
 Pergunta: Joanna o que tem?
 Diz ella:—Estou quasi morta,
 Não enxergo mais ninguem,
 Assim que você sahiu
 Minha cabeça tiniu,
 Não pude me levantar,
 E amanheci de um geito,
 Que ainda não tem fogo feito;
 Nem fiz o que se almoçar.

Chega seu Zé tão cansado
 Inda vai para o fogão;
 Cõa café, assa carne,
 E vai escolher feijão;
 Joanninha em cima da cama
 Estira a perna reclama
 Que o almoço está custando;
 Com frases de pasciente.

Exclama:— Além de doente
A fome está me acabando.

Zé fica quasi a chorar
Quando vê d'ella o vexame,
Toca fogo na panella,
Descasca logo o inhame,
A carne ja está assada,
A batata cosinhada,
Vae ver mais lenha no matto,
Prepara logo a farinha,
Diz á cachorra:— Tainha
Negrinha, lave este prato.

Ora Joanna que criou-se
De casa para o roçado.
Bota o marido no bolço
Deixando—o impressionado;
E essas civilizadas!
Que já são disciplinadas,
Que faz uma dessa então?
Faz o homem se torcer,
Este sim, pode dizer
Que soffre perturbação,

O individuo solteiro
Não sabe a vida o que custa,
Passa por cima da crise
Tempo máo não o assusta,
Mas quando quer se casar
Primeiro tem que comprar

Tudo que a casa precisa,
Dalli logo vai sabendo
O que outros s'tão soffrendo,
Porque mulher não alisa.